



Promovendo a leitura de textos filosóficos em sala de aula: algumas intervenções do PIBID Filosofia

Por CELSO DE MORAES PINHEIRO
Ma. PRISCILLA SISTO DALMARCO
ANDRÉ BAGATINI

celsopinheiro.ufpr@uol.com.br
pri.sisto@gmail.com
andrebagatini12@gmail.com

O PIBID é um programa de incentivo à docência com abrangência nacional no Brasil. Suas frentes de ação se dirigem às licenciaturas, buscando consolidar novas práticas metodológicas no trabalho do(a)s futuro(a)s professores e professoras do Ensino Médio. O PIBID Filosofia, no âmbito da Universidade Federal do Paraná, conta com três subprojetos. O que será apresentado neste texto é específico do subprojeto 3. O subprojeto Filosofia 3, “Formação do licenciado: o uso didático de textos clássicos no Ensino Médio”, tem o objetivo de qualificar a formação do professor de filosofia do Ensino Médio a partir da formação inicial do graduando. Considerando a premissa de que a qualificação para o uso de textos clássicos depende de uma adequada "tradução", seja na linguagem, na pertinência dos temas ou nas ações metodológicas adequadas a este nível de ensino, o projeto busca caminhos para aproximar e tornar viável o trabalho essencial da Filosofia, a saber, a leitura de textos considerados clássicos pela história do pensamento filosófico. Assim, o grupo tem se empenhando nas tarefas de análise do uso dos livros e textos próprios da Filosofia, buscando contribuir para o aprimoramento metodológico do futuro professor de Filosofia, que na dialogicidade entre formador e formando, entre professores e alunos e entre a Universidade e a Escola, obtém uma formação qualificada, baseada em experiências reais e produtivas. Além disso, o projeto se orienta a partir da consideração de que a formação do licenciado no ambiente escolar é fundamental para sua vivência e experimentação profissional. A organização das tarefas do grupo de dividem em, fundamentalmente, dois aspectos: uma abordagem teórica dos textos, podendo acontecer em forma de tradução ou através da elaboração de mapas conceituais de textos já traduzidos e de importância reconhecida no trabalho da disciplina de Filosofia no Ensino Médio; e uma abordagem prática, onde os textos escolhidos ou selecionados são trabalhados diretamente com os alunos do Ensino Médio, ou





por meio da formação de grupos de estudos dirigidos ou através de formas distintas de apresentação das temáticas estudadas. Assim, considerando que muitos seriam os resultados a serem apresentados, buscamos formatar esse texto a partir da divisão em duas grandes partes, a abordagem teórica em primeiro lugar, e a abordagem prática em um segundo momento. Mais especificamente, a título de apresentação, traremos alguns exemplos de práticas utilizadas para aproximar os alunos do Ensino Médio aos conteúdos específicos de alguns textos filosóficos.

1. Abordagem teórica

O que designamos por abordagem teórica é a parte constituinte dos trabalhos levados a termo pelos bolsistas do Programa sob orientação do professor responsável pelo projeto no âmbito da Universidade Federal do Paraná. Tais encontros são semanais e reúnem o grupo a fim de estabelecer metas e analisar os fundamentos teóricos que nortearão o trabalho prático, nas salas de aula dos colégios participantes. No caso do subprojeto 3, considerando que as atividades práticas acontecem em dois diferentes colégios, há uma divisão do total de bolsistas nos dois campos de ação. No total são 14 bolsistas alunos e 2 bolsistas supervisores (professores dos colégios que supervisionam e participam das atividades do PIBID). Portanto, considerando dois colégios, há um número de 7 bolsistas por colégio. Em cada colégio há uma série de intervenções e subprojetos que se diferenciam, o que torna o trabalho teórico mais amplo e com uma necessidade de abrangência mais direta.

Nas reuniões que ocorrem na UFPR são discutidos, conforme já citado acima, as bases conceituais dos textos e temas que serão trabalhados nos colégios. Apesar de cada grupo trabalhar temas e assuntos diferentes, o trabalho teórico reúne todos os bolsistas. Com isso, há uma interação e participação de todo o grupo com os mais variados assuntos e metodologias que estão sendo aplicadas no momento.

Conforme já citado acima, uma das tarefas fundamentais do PIBID/UFPR é buscar solidificar e ampliar o acesso e a compreensão dos textos filosóficos que podem contribuir de forma positiva à formação do aluno do Ensino Médio. Na busca de levar a cabo com satisfatório resultado essa tarefa, nos propusemos, durante os anos de 2014, 2015 e 2016, nas





“oficinas de leitura”, elaborar e subsidiar material possível de colaboração ao professor do Ensino Médio. Com esse objetivo, partimos da consideração de que há mais de 450 anos a filosofia tem ocupado diferentes posições na formação dos vários sujeitos da educação no Brasil: ora instrumento civilizador do índio selvagem, ora apêndice de um currículo tecnicista ou, ainda, completamente ausente do currículo das escolas públicas. Todavia, só recentemente, em 2008, é tornada obrigatória à formação dos estudantes do ensino médio. Isto se deu por meio da Lei 11.684/08, que altera o Artigo 36 da LDB em seu §1º, revogando deste o inciso III, onde estava estabelecido que, ao final do ensino médio, o aluno deveria demonstrar “(...) domínio dos conhecimentos de Filosofia (...)” (BRANDÃO, 2007, p. 95), sem, porém, ter, efetivamente, aulas desta disciplina, devendo extrair estes conhecimentos de outras fontes. Desde então, o inciso IV (BRASIL, 2008) do mesmo artigo, passa a determinar a inclusão da filosofia (e da sociologia) como disciplina obrigatória para todos os anos do ensino médio.

Entretanto, mesmo agora, tendo sua obrigatoriedade garantida por lei, declarações ambíguas e arbitrariedades de representantes de várias instâncias do poder geram insegurança quanto à sua permanência no currículo da escola pública. Isso torna imediata a tarefa dos professores de filosofia de consolidar o ensino de sua disciplina, como declarou o professor Silvio Gallo em entrevista à ANPOF. Segundo ele, “se a mobilização e a luta para sua inclusão foram grandes, (...) o trabalho agora é ainda maior, pois temos que garantir que a Filosofia seja ensinada efetivamente e o seja de modo significativo” (GALLO, 2011).

Para tanto, há que se pensar no ensino da filosofia, sua metodologia e condições, de modo a criar critérios para preparação de aulas e fugir do proselitismo, tão tentador ao professor mal preparado. Com efeito, entende-se que, para acercar-se de seu objeto, o processo em que se dá a aula de filosofia deve constituir-se de vários momentos: desde o panorama geral da história do pensamento a debates sobre temas da atualidade. Porém, para que não se incorra, no primeiro caso, à superficialidade de uma exposição cronológica e, no segundo, não transcender à defesa de meros pontos de vista a leitura dos textos clássicos da filosofia é imprescindível.





Segundo Maria L. A. Aranha, “trata-se do trajeto para aprender a ouvir o autor antes de discordar dele, exercício de disciplina intelectual que permite identificar as ideias centrais, o rigor dos conceitos, a articulação da argumentação, a coerência da exposição” (ARANHA, 2000, p. 124). Dito de outra forma, o contato com os clássicos da filosofia permite ao estudante secundarista ter domínio da argumentação, além do subsequente refinamento no uso da linguagem.

Imaginando um instante, que a Filosofia enquanto disciplina estatutária da grade curricular do ensino médio contribui de forma decisiva para a formação (Bildung) dos estudantes. Quais são os ganhos em utilizar propriamente o texto filosófico para essa tarefa? Fabbrini diz o seguinte à guisa de uma leitura adorniana:

Considerar, assim, o curso de filosofia uma arte da escuta da articulação lógica e da fulguração poética dos discursos, é vinculá-la à Bildung, uma vez que esse curso visa desenvolver no aluno “a consciência ou faculdade de pensar em seu sentido mais profundo”, como dizia Theodor Adorno (1995, p.151), não apenas ensinando-lhe as regras da lógica formal, mas também estimulando “sua capacidade de fazer experiências intelectuais”. (FABBRINI, 2005, p.14).

Assim, a leitura filosófica é ocasião para alargamento da formação intelectual e crítica, e posse de um aparato conceitual que permite uma amplitude reflexiva para o leitor. O texto filosófico, por não ser fechado em si mesmo, ao contrário, abriga “diferentes possibilidades de interpretação, igualmente aceitáveis pelo entendimento” (FABBRINI, 2005, p.10), aguçando o espírito crítico do estudante, “dando-lhe uma visão muito mais rica do seu próprio mundo, das várias maneiras pelas quais ele pode resolver ou equacionar um problema” (SILVA apud FABBRINI, 2005, p. 10 -11).

Nessa etapa de formação desses jovens alunos, muitos começam a lidar com problemas e questões sobre o mundo e a existência que antes eles não tinham. Com a necessidade de criar um sistema próprio de visão de mundo, a questionar as diversas verdades que lhes são passadas pela própria escola, pela religião, pelo Estado, pela família, enfim, pelas diversas instituições sociais. Têm, em suma, que lidar com sua própria liberdade. Cremos, partindo de um aparato teórico, que o texto filosófico fornece um arcabouço conceitual e de reflexão



que permite aos alunos criarem suas próprias concepções e visão de mundo, tal como afirma Gerard Lebrun:

Nunca acreditei que um estudante pudesse orientar-se para a filosofia porque tivesse sede de verdade: a fórmula é vazia. É de outra coisa que o jovem tem necessidade: falar uma língua de segurança; instalar-se num vocabulário que se ajuste ao máximo às “dificuldades” (no sentido cartesiano), munir-se de um repertório de “topoi” - em suma, possuir uma retórica que lhe permitirá a todo instante denunciar a “ingenuidade” do “cientista” ou a “ideologia” de quem não pensa como ele. Qual melhor recurso se lhe apresenta senão tomar emprestado um discurso filosófico? (LEBRUN, 1976, p. 148-153) ou (LEBRUN, 1976 apud FAVARETTO, 1993)

Assim, junto com Lebrun, vemos na leitura do texto filosófico uma ferramenta para a criação de uma *linguagem de segurança* e um conjunto de *topoi* que concede aos alunos do ensino médio um instrumento e um meio pelo qual possam desenvolver sua postura crítica latente.

Poder-se-ia objetar, ainda, que o texto filosófico, por ser direcionado à problemas específicos ou questões que permeiam uma determinada época, torna-se obsoleto para o estudante que traz consigo questões contemporâneas. Portanto, qual o sentido de se buscar nos clássicos da filosofia um caminho para se pensar criticamente suas aflições? Diríamos que o texto filosófico por si só — como tentamos demonstrar acima — abarca o caráter propositivo da reflexão, convidando o leitor a saltar para além do que diretamente está escrito e pensar o que textualmente não foi dito. Assim, ele passa a ter sentido formador, enquanto instrumento de reflexão crítica. Marilena Chauí, no prefácio à edição da “Antologia de textos filosóficos”¹, afirma:

Experiência da razão e da linguagem, a filosofia é a peculiar atividade reflexiva em que, na procura do sentido do mundo e dos humanos, o pensamento busca pensar-se a si mesmo, a linguagem busca falar de si mesma e os valores (o bem, o verdadeiro, o belo, o justo) buscam a origem e a finalidade da própria ação valorativa. Essa experiência, concretizada no trabalho de cada filósofo, constitui o discurso filosófico.

[...] Ler, escreve Merleau-Ponty, é fazer a experiência da “retomada do pensamento de outrem através de sua palavra”, é uma reflexão em outrem, que enriquece nossos próprios

¹ Marçal, J. Antologia de Textos Filosóficos / Jairo Marçal, organizador. – Curitiba: SEED – Pr., 2009. “A Antologia é composta de vinte e dois textos ou excertos de textos de filósofos clássicos e um texto de filósofo brasileiro, escolhidos por sua relevância para os estudantes do nível médio. Os textos selecionados são precedidos por introduções redigidas por professores universitários especialistas nos filósofos escolhidos”.



pensamentos. Por isso, prossegue Merleau-Ponty, “começo a compreender uma filosofia deslizando para dentro dela, na maneira de existir de seu pensamento”, isto é, em seu discurso (CHAUÍ, 2009, p.12-13).

O texto filosófico apresenta-se, então, não só como meio para tomada de reflexão crítica, mas também como instrumento de amplitude de experiência literária, pois ninguém dúvida que o texto filosófico, mesmo em uma leitura diletante, não nos acrescenta nada.

Não se ensina filosofia, mas sim o filosofar. Esse adágio clássico presente na filosofia kantiana exprime de maneira transparente o sentido que propomos nas experiências positivas com os estudantes. A filosofia não se apresenta dentro de um domínio epistemológico onde se é possível dizer qual o caminho que deve ser trilhado, mas apresenta as mais variadas vias por onde se é possível caminhar.

A partir de pressupostos teóricos como os acima citados, uma das tarefas do grupo de leitura foi apresentar uma possibilidade de trabalho com o Ensino Médio, a saber, um modelo de leitura cotejada de Rousseau e Hobbes em seu diálogo sobre o contrato social, utilizando textos presentes na *Antologia de Textos Filosóficos* que, por sua vez, está disponível na maioria das escolas estaduais do Paraná e em uma plataforma online². Deste modo, além de ter a possibilidade de familiarizar os estudantes com a *Antologia*, esta abordagem permite trabalhar as “questões fundamentais da política [que] perpassam a História da Filosofia, nas obras de grandes pensadores” (PARANÁ, 2008, p.58), segundo o estabelecido pelas diretrizes curriculares da disciplina de filosofia no estado do Paraná.

A ideia deste trabalho nasceu da participação do grupo em uma oficina do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), onde se tem realizado, sob a coordenação do professor Celso de Moraes Pinheiro, a leitura do *Leviatã*, contido na *Antologia*. Observou-se a intertextualidade desta obra com os textos de Rousseau como possível recurso didático para a explanação de conceitos filosóficos através da leitura do texto clássico. Ademais, a clareza da exposição de ambos os autores também foi critério para sua eleição. Com efeito, o objetivo do trabalho foi o de estabelecer uma relação entre

² A *Antologia* está integralmente disponível na página destinada à disciplina de Filosofia, do site da Secretaria Estadual de Educação, no endereço eletrônico: <<http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/>>;



Rousseau e Hobbes a fim de lançar luz sobre uma possibilidade de abordagem didática a partir do uso do texto filosófico na sala de aula. Por meio desta abordagem, pode-se, por exemplo, trabalhar com os estudantes os conceitos de homem natural, estado de natureza, igualdade, contrato social, etc., de modo a deixar claro que a relação entre Hobbes e Rousseau é não só evidente, como recíproca. Tal relação é endossada pelo fato de que, para cada um, a desigualdade se fundamenta e tem origem em pólos diversificados, mas que se coadunam.

Para a elaboração do modelo proposto, utilizou-se o *Contrato Social e Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, de Jean Jaques Rousseau, e o *Leviatã* de Thomas Hobbes. Deste último, apenas os capítulos XIII ao XVII, onde o autor se atém justamente ao caráter do homem natural como um ser puramente egoísta e acerca de como a passagem do direito natural se funda na própria natureza egoísta do homem, em contraposição a Rousseau, o que levará a partir do que se segue, à distinção entre a igualdade natural e igualdade moral. Enfim, de modo geral, parte-se da noção do homem natural em sua relação nos pensamentos hobbesiano e rousseauiano e chega-se a como ela fundamenta e se relaciona com os conceitos de contrato e de sociedade.

Para a preparação de qualquer aula a partir desta exposição, seria suficiente o uso dos textos contidos na *Antologia*, de modo que o docente e os alunos teriam fácil acesso ao material didático na própria escola. Mas, vale lembrar, sempre há a possibilidade do uso de recursos como músicas, filmes, literatura e até comentadores, conforme poderemos ver na sequência desse texto.

Abordagem prática

Importante salientar que a interação teórica prática é fundamental no trabalho final das propostas do PIBID-UFPR, em especial porque não se pode perder, em momento algum, os dois pólos norteadores de um programa como esse: a formação do futuro professor de Filosofia e o poder de acesso e compreensão dos textos clássicos de Filosofia. Dessa forma, apesar de distintas em sua apresentação, as abordagens teórica e prática se confundem na tarefa própria do subprojeto. Ao mesmo tempo que a tarefa prática depende das análises e estudos elaborados nas oficinas de leitura ou tradução, o âmbito teórico também se nutre dos





obstáculos e acertos trazidos à luz pela aplicação prática e momentos efetivos de trabalho com os textos filosóficos.

Como já afirmado acima, buscamos diversificar o modo de apresentação dos temas que serão aprofundados e trabalhados com mais acuidade nos grupos de estudos. Para isso, formulamos propostas mais “didáticas” do que uma imediata inserção na leitura dos clássicos. Consideramos que é essencial, para o aluno adolescente do Ensino Médio, antes de iniciar uma leitura do tipo obrigatória de qualquer texto, que esse aluno possa perceber o quanto importante é o conhecimento da filosofia para, ao menos, justificar de forma plausível e coerente suas ideias. Assim, passamos a apresentar alguns procedimentos que foram feitos durante o ano de 2014 pelo subprojeto 3 de Filosofia da UFPR.

Experiência I – O ensino da mítica

O ensino da filosofia no primeiro ano do Ensino Médio traz inúmeros e difíceis desafios aos alunos e professores da matéria, pois pode ser um divisor de águas na formação e construção do conhecimento crítico e reflexivo na vida do aluno. Outro ponto já mencionado anteriormente, no entanto de profunda importância, é o fato de, a partir do conteúdo, o professor ser capaz de propiciar a seus alunos uma saída do senso comum, possibilitando ao aluno o gosto pela filosofia e a compreensão da importância do conteúdo no cotidiano. A mítica, por estar presente no enfoque cultural dos alunos das séries finais do ensino fundamental, por vezes pode passar despercebida, mas a releitura do contexto filosófico dos contos míticos, pode ser a porta de entrada para o ensino da filosofia, a partir de uma metodologia diferenciada trilhando os passos da pesquisa e da construção de saberes.

A proposta deste encaminhamento metodológico para a prática de um conteúdo específico no ensino de filosofia tem interesse em mostrar ao aluno que, de certa forma, muitos valores da filosofia já estão inseridos em seu cotidiano. Sendo assim, seria pertinente um debate sobre as principais questões trazidas à luz pelos estudos sobre a mítica e, a partir disso, desenvolver uma primeira tentativa de reflexão filosófica.

Não é exagerado afirmar que ensino de filosofia no primeiro ano do Ensino Médio pode determinar o gosto pela matéria durante o resto de sua vida, escolar ou não, e também





determinar a forma do jovem ver, pensar, refletir, analisar, criticar e avaliar o mundo. As Diretrizes do Ensino de Filosofia no Paraná informam que o ensino da mítica pode ajudar a encantar os alunos e, a partir deste conteúdo, despertar no aluno novos horizontes, saindo do senso comum para a reflexão científica e filosófica.

Ao desenvolver as aulas com as turmas, mantendo referências do período clássico grego, principalmente com o foco nos pré-socráticos, filósofos da natureza e sofistas, junto ao desenvolvimento da Polis, acompanhando o conteúdo previamente estabelecido dentro do PP (Plano Pedagógico), muitos valores podem ser incluídos neste trabalho, desde sua proposta até a sua finalização.

O trabalho com os alunos foi realizado nos três primeiros meses do ano letivo de 2014, de acordo com a temática da mítica filosófica proposta pelas diretrizes curriculares do ensino de filosofia no Ensino Médio do Paraná. A introdução do tema foi feita a partir do método maiêutico, ou seja, com a análise de perguntas e respostas feitas aos alunos, perguntado a eles, por exemplo: como, quando e onde eles já ouviram falar de determinados elementos míticos. Com base nas respostas e conclusões geradas em sala, pode-se estabelecer, de forma mais efetiva, a abordagem a ser realizada e como favorecer ao máximo o tema a eles, uma vez que podemos abordar os tópicos em uma perspectiva mais próxima à realidade dos alunos.

A proposta às turmas teve por objetivo buscar a justificativa do que são os personagens ou mitos que seriam apresentados por eles, e o que são para esta nova geração, o primeiro contato com a reflexão mítica. Tentar ou buscar entender porque os jovens são atraídos pelos personagens e o que faz com que os personagens sejam atraídos por eles.

Com o desenvolvimento do trabalho durante o trimestre, foi solicitado aos alunos trabalhos em grupos, de duas até cinco pessoas, ou individuais, para a pesquisa de um mito que será escolhido por eles, e a partir deste mito executaram os seguintes itens:

- a) Compreender o mito, buscando o fator moralizante/educacional;
- b) Buscar os conceitos filosóficos contidos no mito, buscando-os no dicionário filosófico, os apresentando;





- c) Compará-lo a algum fato da atualidade, a partir de uma notícia vinculada em algum meio de comunicação, a fim de dizer se a questão do mito foi ou não superada;
- d) Produzir um livro de mitologia contendo todos os trabalhos da turma, que foi o produto final de avaliação do trabalho dos alunos; a turma se reuniu com auxílio da professora e dos bolsistas do programa PIBID da UFPR em Filosofia.

Cada uma dessas etapas teve suas datas de entrega pré-definidas, para que houvesse um controle de trabalhos e auxílio aos alunos em suas dificuldades. Também os bolsistas do PIBID puderam exercer um caráter essencial na preparação das turmas durante as leituras dos textos escolhidos para o bom andamento da tarefa.

Experiência II – O Labirinto (Rousseau e Voltaire)

Outra forma de abordagem prática para a inserção e aproximação dos alunos do Ensino Médio com questões fundamentais da Filosofia, deu-se através da participação do grupo do PIBID nas atividades da “semana cultural” do Colégio Estadual Professor Lysímaco Ferreira da Costa. Participaram estudantes do Ensino Médio, mais precisamente duas das turmas do 2º ano (2º “A” – 2º “D”), empenhados na realização de um trabalho para um evento que ocorre anualmente no Colégio, conhecido como “Semana Cultural”³, com o tema “Carnaval Vienense”, designado para ambas as turmas, evento no qual contou com a supervisão de membros do PIBID de filosofia da UFPR.

Ao longo de um processo de cerca de três semanas, os estudantes se prepararam através da atuação em diferentes frentes, as tarefas foram subdivididas em grupos, ainda que houvessem algumas exigências que deveriam ser levadas em consideração por todos os participantes. Partiu-se, já em primeiro plano, da necessidade de familiarização com os problemas e o ambiente da Europa do século XVIII, mediante a leitura de textos filosóficos diretamente na fonte, indicação de filmes e músicas deste período, além de diversas fontes sobre moda, culinária, dentre outras perspectivas. Foi exigida dos estudantes a entrega de um trabalho acerca do pensamento, em linhas gerais, dos filósofos que foram determinantes na

³A Semana Cultural está prevista pela SEED em todos os colégios do Estado do Paraná a fim de promover atividades interativas entre professores e alunos em prol da Cultura.



produção intelectual do período, focando nos franceses Rousseau e Voltaire. Igualmente, foi acertado com os grupos para que fizessem e trouxessem comidas típicas de diferentes nacionalidades europeias para utilizá-las, no dia da apresentação, em uma dinâmica com os adolescentes de todo o colégio.

Todos os encaminhamentos anteriormente elencados tiveram como norte a construção de um labirinto no salão do Colégio, dentro do qual seriam desenvolvidas as atividades previamente distribuídas aos estudantes. Nos cinco dias antecedentes à Semana Cultural, os estudantes empreenderam a esquematização de possíveis modelos de labirintos; a melhor opção foi a seguinte: a confecção de uma tela/rede de barbante que daria suporte tanto do teto quanto das paredes do labirinto, paredes essas que foram compostas de tecido TNT verde, decoradas com folhas secas de árvore. O tecido era grampeado na tela de barbante, descendo até o chão onde era afixado com fita. A tela, subdividida em vários quadrados, possibilitava e facilitava a livre criação do percurso do labirinto, desenhado previamente.

No momento da “Semana Cultural”, com todos os trabalhos já prontos, após a leitura atenta dos textos filosóficos correspondentes ao período a ser apresentado, os alunos do colégio eram recepcionados na entrada do salão pelos participantes dos grupos de leitura/trabalho, tendo a oportunidade de serem fotografados usando máscaras de época. Posteriormente eram guiados em seu interior, atravessando “galerias”, onde era explicado o contexto do momento histórico que inspirou o empreendimento, ao mesmo tempo em que tocava, como som ambiente, sinfonias de Mozart. Reiterando-se a ideia da retomada do comportamento dos diferentes estratos da sociedade europeia, foi combinada com as turmas do 2º ano a utilização de fantasias no dia da apresentação, tal qual como ocorrido nos bailes vienenses. Uma das saídas do labirinto dava para o palco, onde havia a possibilidade de os estudantes irem a um salão que recriava a ideia dos salões iluministas e seus jogos, ao qual foi contemporizado com videogame, enquanto a outra saída dava para a derradeira galeria, em que, mediante o questionamento dos alunos acerca do que foi abordado nas galerias anteriores, caso a resposta fosse correta, seria fornecida uma comida típica àqueles que acertaram, finalizando-se o trajeto.





O saldo que se fez foi deveras positivo, considerando que os estudantes do 2º ano ultrapassaram as suas expectativas na produção deste trabalho, inclusive os demais alunos do colégio se surpreenderam com a audácia requerida pela complexidade do trabalho apresentado, entusiasmo generalizado que facilita a inserção do ensino de Filosofia entre os jovens do Ensino Médio.

Alguns resultados

Vemos, com os exemplos acima e com os trabalhos levados a termo em grupos de leitura, que o ensino de Filosofia passa pelo discurso filosófico e que esse permite aos alunos criar uma *língua de segurança* para formular seus próprios problemas e visão de mundo, dando assim condições para os mesmos poderem articular a sua realidade e perceber a relação mais ampla que existe entre sua vida e o contexto histórico e social em que se inserem. Podemos perceber isso no próprio relato dos alunos que participam dos grupos:

O grupo me ajudou na compreensão de fatos que ocorrem ao meu redor, na maior parte das vezes criando uma análise do meu próprio comportamento, se é ou não “natural”. Os conteúdos abordados em sala me proporcionam uma visão superficial do tema. No grupo é possível entender de que forma um determinado assunto interfere na minha vida e como é aplicado. (B, 16 anos, 2º Ano)

O grupo de filosofia, no caso ela em geral, possui um grande “papel” em minha vida, pois, com a sua ajuda, consegui analisar e compreender melhor o mundo ao meu redor, além de expandir o mesmo. Ao analisar tudo, consigo me posicionar e manter um debate, sabendo, muitas vezes entendendo, mesmo não concordando, diversos pontos de vista. (M, 16 anos, 2º Ano)

O grupo de filosofia traz ao ensino médio a possibilidade de uma experiência mais intensa sobre a matéria, com um teor mais livre, sem a parte tradicional da sala de aula. Com leitura e debate dos textos filosóficos clássicos, desperta nos alunos o interesse pelo assunto que há muito estava submerso na escola; e como consequência cria um senso crítico que será aproveitado tanto no cotidiano quanto em outras áreas do conhecimento. (A L, 17 anos, 3º Ano)





A Filosofia em nossa formação nos possibilita ter um pensamento refletido e um raciocínio lógico, nos fazendo ver das coisas complexas às coisas simples de uma maneira diferente, nos possibilitando ter um pensamento mais amplo sobre várias coisas e não se basear somente em coisas que vimos ou ouvimos. A Filosofia também nos faz encontrar respostas para as nossas perguntas. Os textos Clássicos têm total relação com a Filosofia, pois é através deles que podemos entender, compreender, interpretar e até mesmo ouvir as vozes dos grandes gênios da Filosofia. (T, 15 anos, 1º Ano).

A filosofia afeta o meu futuro na parte psicológica da minha realidade metal (metal, sendo dura demais para interferir), um contexto vago de mim mesmo, é saber que sou um mero pêssego com caroço indivisível. Eu mesmo por eu mesmo sou aquilo que tenho a temer perante o imoral, é minha maior questão para sociedade (uma de muitas). A filosofia afeta minha formação por completo, sendo a qual desejo me graduar, mesmo não tendo tanto "poder" em minhas mãos. A filosofia é senão minha percepção do "admirar", como definição do cavaleiro das trevas da Grécia Antiga: Platão. O cotidiano do qual me serve de atrito e justificação, visa a filosofia, a minha admiração do mundo, interpretação e contemplação da face mórbida de minha curiosidade perante o mundo. (L, 15 anos, 1º Ano)

Com base nesses comentários e à luz do pensamento kantiano, faz-se a defesa “*par excellence*” do texto filosófico para o exercício da reflexão crítica.

Até então não se pode aprender nenhuma filosofia; pois onde está ela? Quem a possui? Por que caracteres se pode conhecer? Pode-se apenas aprender a filosofar, isto é, a exercer o talento da razão na aplicação dos seus princípios gerais em certas tentativas que se apresentam, mas sempre com a reserva do direito que a razão tem de procurar esses próprios princípios nas suas fontes e confirmá-los ou rejeitá-los. (KANT, 2001, B 866).



Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia no ensino médio: relato de uma experiência. Páginas: 112-128. In: GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar; (Org.). *Filosofia no Ensino Médio*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000;

BRASIL. Decreto n. 11.684, de 02 de Junho de 2008. Altera o art. 36 da lei n. 9.394, tornando obrigatórias as disciplinas de Filosofia e Sociologia. *Casa Civil*, Brasília, DF, 02 de jun. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm>. Acesso em: 02/12/2014;

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. *LDB Passo a Passo: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), Comentada e Interpretada, Artigo por Artigo*. São Paulo: Editora Avercamp, 2007.

FABBRINI, R. N. O Ensino de filosofia: a leitura e o acontecimento: Transformação, (São Paulo), v.28(1), 2005, p.7-27.

GALLO, Sílvio. Entrevista com o professor Sílvio Gallo: “*Ensino de Filosofia: os principais desafios*”. *Filosofia – Projeto de filosofia na Escola*. Rio Grande do Sul, 31 out. 2011. Disponível em: <<http://filescola.blogspot.com.br/2011/10/entrevista-com-o-professor-silvio-gallo.html>>. Acesso em: 02/12/2014;

HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva; São Paulo: Martins Fontes, 2003;

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Tradução: Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Calouste Gulbekian, 2001.

LEBRUN, G. *Por que filósofo?* Estudos Cebrap (São Paulo), v. 15, 1976.

MARÇAL, J. [org.] *Antologia de Textos Filosóficos*. Curitiba: SEED – Pr., 2009.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação do Paraná. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Filosofia*. Paraná, 2008;



PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação do Paraná. *Antologia de Textos Filosóficos*. Org. Jairo Marçal, 2009.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*. In Os Pensadores, Tradução de Lourdes Machado. 2ª edição, São Paulo: Abril Cultural, 1978;

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Do Contrato Social*. In: Os Pensadores, Tradução de Lourdes Machado. 2ª edição, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

